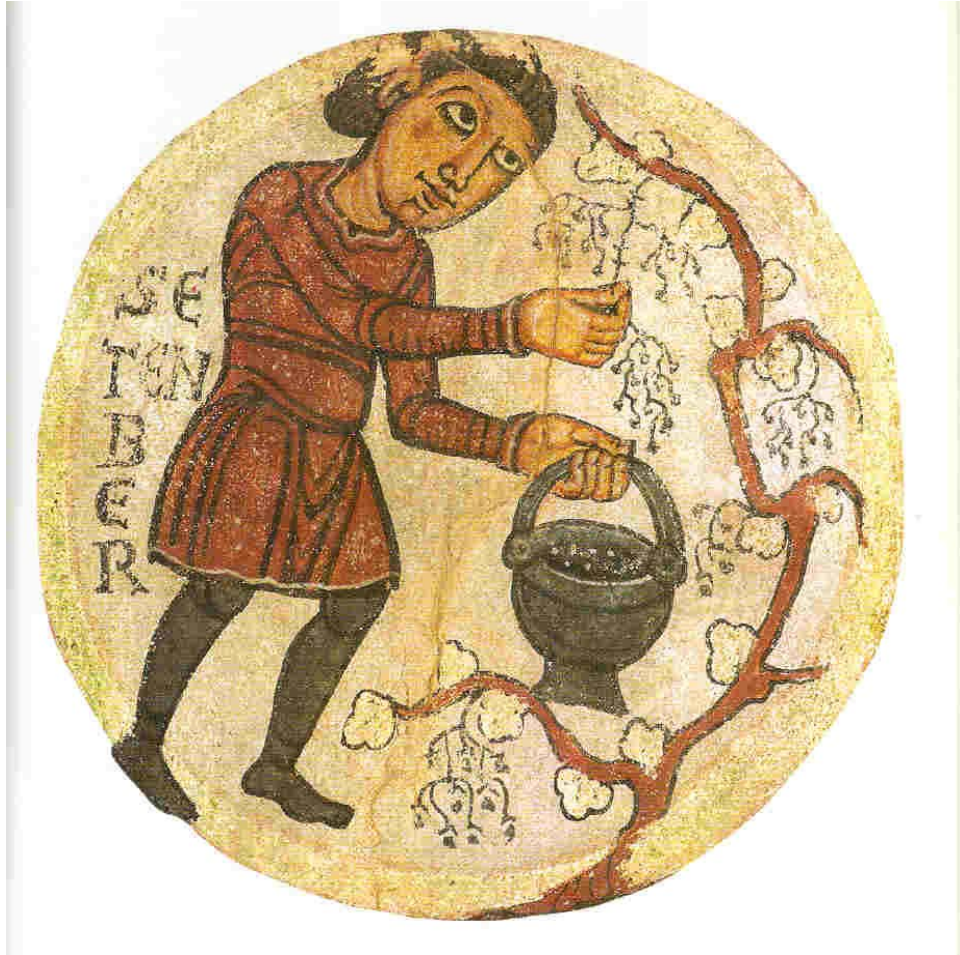


## O Campo: os trabalhos e os dias



**O vindimador na vinha** – Pintura do panteão dos Reis (Igreja de San Isidoro de Leon)

No termo medieval torriense, tal como na maior parte do território que viria a integrar o reino de Portugal, as terras incultas, os matos e as charnecas dominavam na paisagem, mesmo depois do grande recuo, sobretudo consequência do forte crescimento demográfico, ao longo do século XIII. Os terrenos incultos representavam uma importante fonte

de riqueza natural, sendo a actividade recolectora exercida por um grande número de pessoas.

Os matos, as florestas e as charnecas eram espaços privilegiados para a pastagem dos gados. Os pântanos, os cursos de água e o mar davam ao homem uma variedade de alimentos e de matérias-primas para diversos ofícios.

Todavia, o que os torrienses mais procuravam nos terrenos incultos era a madeira para combustível, assim como para a construção e reparação dos instrumentos agrícolas e dos edifícios. O aumento da procura da madeira, dada a sua crescente utilização na construção naval e urbana, intensificou a sua exploração nos espaços florestais, como na Ribeira dos Amiais onde, pelo menos desde 1309, predominavam os amieiros, os castanheiros e os pinheiros.

Para além da lenha e da madeira, fornecidas pelas matas, muitos outros produtos eram aí recolhidos, entre os quais a casca das árvores, utilizada na curtimenta de peles e nas solas dos sapatos, carvão, folhas verdes, raízes e bolotas (para os animais), frutos silvestres e cogumelos, que integravam a alimentação do homem medieval. Nos juncais, colhia-se o junco, necessário sobretudo na empa da vinha. A extracção do mel e da cera integravam também a actividade recolectora.

Outro dos recursos dos espaços silvestres era a caça. Todavia, o único animal de grande porte referido na documentação medieval é o veado, em relação ao qual o foral obrigava ao pagamento de um maravedi pela sua venda no mercado. A caça miúda tinha, muito provavelmente, uma maior expressão, abastecendo as mesas em aves, lebres e coelhos. Caçadores, coelheiros e falcoeiros viveriam desta actividade, os últimos talvez no exercício de um cargo público.

Na continuação do aproveitamento dos recursos naturais, a pesca deveria ter algum peso, ainda que sejam escassos os indícios a esse respeito. De qualquer modo, os rios Sizandro e Alcabrichel deveriam oferecer esses recursos, ainda documentados nas *Memórias Paroquias* (século XVIII), assim como a costa do termo torriense, nomeadamente a partir do porto de *São Denis*. Testemunham-no a presença de João Marinheiro e Lourenço Arraias, na Inquirição de 1309, assim como um baleeiro e um pescador, Domingos Domingues, morador na vila.

A área do *ager* (espaço agricultado) sofreu uma grande expansão, em desfavor do *saltus*, através da conquista de novas terras em zonas florestais e pantanosas, secando paus, nomeadamente junto à foz do Sizandro, e desbravando charnecas, transformando-as em terreno arável, para a produção de cereais, vinho e legumes. Todavia, a partir do segundo quartel do século XIV, chegariam tempos de crise,

multiplicando-se as searas abandonadas, as vinhas em mortório, assim como os olivais cobertos de mato, invertendo-se a situação anterior.

Os trabalhos agrícolas e a pastorícia ocupavam, por toda a parte, o maior número de braços e a mais vasta extensão do espaço, constituindo a base de toda a economia medieval. As predominantes culturas cerealíferas (trigo maioritariamente, cevada e centeio, aveia e milho), base da alimentação do homem medieval, genericamente designadas por «pam», eram predominantes, estendendo-se das portas da vila a todo o termo. O vinho, as leguminosas, as árvores de fruto ocupavam também um lugar de destaque. A par das mesmas, praticava-se o cultivo do linho, embora não tenhamos qualquer testemunho da existência de linhares, cultivando-se muito provavelmente nas terras de cereal.

A lavoura das terras mais pequenas ou dos lavradores mais pobres era feita manualmente, com enxadas, sachos e arados de mão. Ao lado deste, os arados puxados por bois eram os mais comumente utilizados, sobretudo o arado quadrangular de formas híbridas, pesado e potente, feito de madeira, com algumas peças de ferro.

Os foreiros, para além de adubar, alqueivar e lavrar a terra deviam semeá-la. A sega e a debulha encontram-se igualmente documentadas no termo torriense, realizando-se a primeira com foices denteadas e, a segunda com um pau, com o gado ou com malhos.

Depois de ceifado e separado da palha, o cereal devia ainda ser *limpo de pá e vassoura*, como estipulavam os contratos.

Quanto à vinha, esta constituía a segunda produção agrária de importância no termo torriense, preferindo as proximidades dos centros urbanos e dos cursos de água. Esta cultura exigia os maiores e mais frequentes cuidados, ao longo do ano, desde a poda, até à vindima. «Depois de descavada a terra ao pé das cepas e de constituídos pequenos montes, era necessário alisá-los através da arrenda, feita, provavelmente, com os mesmos instrumentos que haviam servido para a primeira operação, enxadas ou sachos. À poda, feita com podões ou podadeiras, seguiam-se a empa, a que alguns textos da época se referem com o termo ligar. Com efeito, os sarmentos eram ligados a paus ou canas, extraídos das ribeiras e canaviais que, com muita frequência, eram cedidas juntamente com as vinhas.

Para eliminar as ervas daninhas, redrava-se por duas ou três vezes, sendo esta última operação chamada terceiragem. Por fim, a reprodução das vides era feita por mergulhia: alguns sarmentos eram enterrados e lançavam raízes, sendo depois desligados da planta-mãe» estas actividades culminavam com as vindimas e a produção do vinho.

Companheiro inseparável do pão e do vinho, o azeite completava a trilogia base da alimentação medieval, com uma produção em

crescimento nos séculos XIV e XV. De resto, as frutíferas completavam a paisagem rural do termo torriense, ao lado das hortas e almuinhas.

Na maior parte das vezes, estas culturas dependiam do trabalho das gentes, manual e penoso e duro. Presos aos campos de sol a sol, os agricultores ofereciam-lhes cantos e suores, assim como transportavam muitos desses sons e cheiros à vila, animando os caminhos. Vidas de labuta, com a qual a grande maioria dificilmente conseguia alimentar a família acima do limiar da subnutrição.

**SAIBA MAIS:** CLEMENTE, Manuel José Macário do Nascimento - *Torres Vedras e seu termo: No primeiro quartel do séc. XIV*. Lisboa: Faculdade de Letras, 1974. [Dissertação de licenciatura em História]